

A crise e a electrónica

JOSÉ GUEDES PINTO MACHADO

Engenheiro Civil (I. S. T.)

A crise abriu pânico entre os responsáveis. Um pouco por toda a parte constata-se, preocupados, os seus efeitos: as falências, as demissões colectivas, o desemprego. Tudo isto, porém, particularmente mais acentuado na Europa. Como não se deve estar apreensivo quando certos economistas chegam a considerá-la a mais grave do século? Efectivamente parece apresentar certas características específicas que lhe dão um particular carácter de gravidade. Seja ou não a mais grave, o que é certo é que o equilíbrio sócio-económico dos anos 60, que fazia o orgulho dos responsáveis dessa época, tem vindo progressivamente a romper-se. Deste modo, levados à grave situação presente, não podiam os responsáveis deixar de lançar um desafio aos economistas. Aceitaram-no. Desafiaram a sua própria inteligência e a sua própria imaginação. Estudaram o assunto. Rebuscaram os compêndios. Olharam à volta. Consultaram o passado. Confrontaram-no com o presente. Que lhes disse esse passado? Que todas as crises anteriores tiveram uma vida sempre limitada, tudo fazendo crer que ao longo das suas vidas, elas próprias foram criando os anti-corpos que as dissolveram nas novas formas de equilíbrio sócio-económico que nesse decurso foram tomando feição. Disse-lhes, ainda, o que lhes avolumou as preocupações, que em tantas crises passadas esse novo equilíbrio, onde as crises se aniquilam, só foi atingido depois da generalidade dos povos se ver envolvida no horror do «suor, odor dos cavalos e do sangue». Concretamente, o desafio toma, assim, dois aspectos. O de indagar se há antídoto próprio para estancar a crise e, se o houver, inquirir se se poderá evitar esse horror. Muitos e considerados economistas vêem na «electrónica» esse antídoto. Mais propriamente vêem-no na sua aplicação à «informática» e uma e outra, em conjunto, ao progresso da Mecânica, da Energia, das Matérias-Primas e Materiais de Base, da Química e da Agricultura, enfim dos múltiplos polos tecnológicos. Estes economistas afirmam que a par e passo deverá ir sendo aplicado este operador, o binário «electrónica-informática», a estes polos tecnológicos, e a crise se irá dissolvendo. Esclarecem ainda que está nas suas previsões que esta dissolução se fará tanto mais rapidamente quanto maior a intensidade e a prontidão com que esse operador for aplicado.

Atente-se como está previsto aplicá-lo. Veja-se o ciclo em que actua. Sem dúvida aplicado criteriosamente

aos polos tecnológicos o custo dos produtos acabados virão muito mais baixos, concorrendo para isso, além de variadas melhorias de alçada técnica, uma acentuada redução no número de horas de trabalho improdutivo. De custo muito mais reduzido esse produto passará a tornar-se acessível a um maior número de bolsas. Daí vir a ser mais procurado. A maior procura leva ao incremento da produção. A maior produção cria um maior número de postos de trabalho. Tal é o ciclo. Mas a resposta ao primeiro desafio continua em aberto. Certo. Se através deste ciclo ficou reduzido o desemprego é óbvio que houve abrandamento da crise. Mas será que houve abrandamento de desemprego? Segundo estes economistas, e são muitos, este ciclo leva a uma redução do desemprego. Trata-se dum assunto controverso. Todavia, para estes, não há que recear engano: o balanço entre o número de postos de trabalho, que a aplicação do operador elimina, e o número destes postos, que o incremento da produção e o aumento de consumo gera, é positivo em relação a este último. É de referir, que de entre estes economistas há os que vão mais longe. Admitem que esta aplicação conduzirá a uma época de pleno emprego, com diminuição das horas de trabalho semanais sem redução salarial, e menos horas de trabalho em condições insalubres ou perigosas com a correlativa melhoria na produtividade.

Sinais da actuação deste milagroso operador já se perscrutam aqui e acolá, por entre as brumas duma situação confusa, desde guerras, embora localizadas, que não deixam de ser preocupantes e sangrentas, até uma desenfreada elevação da cotação do ouro. O descortinar destes sinais anima. Rebastecem a confiança dos responsáveis nestes economistas, que vêem na «electrónica» o específico antídoto da crise, e nestes a confiança em si próprios.

Mas o desafio que foi posto tinha dois aspectos. Ao primeiro responderam os economistas com a «electrónica». Ficou por esclarecer se a aplicação desta, nos termos indicados, poderá evitar que mais uma vez se tenha de assistir ao horroroso espectáculo do «suor, odor dos cavalos e do sangue». É uma indagação de difícil resposta, objectam esses economistas, porquanto na aplicação deste operador intervêm condicionamentos políticos, que só muito fugitivamente podem considerar nas suas análises. Sabem, sim, que a crise ainda vai no seu ramo ascendente e que os resultados da aplicação deste operador são demorados. Isto não os impede de chamarem a aten-

ção para o importantíssimo facto da concretização da aplicação deste operador estar dependente do número daqueles que queiram dedicar-se a esses estudos, da «electrónica», da «informática» e da aplicação destas aos polos tecnológicos, e acrescentam que quantos mais eles forem e maior for a devoção que mostrem a esses estudos, tanto maiores serão as probabilidades de se abreviar a importância da crise.

Agora, de desafiados, os economistas passaram a desafiadores. Quem desafiam? Os responsáveis pelo ensino. Que conclamam? Que se terá de promover o ensino da «electrónica» e correlativas matérias se querem encurtar o caminho para o desanuviamento. Que é nos jovens que este ensino se deve concentrar, porquanto são eles que pela frescura de entendimento e sua natureza generosa mais intensamente poderão contribuir para o desenvolvimento desses sectores do conhecimento. Nem todos

terão condições para arcar com os sacrifícios que o estudo intensivo dessas matérias exige. Nem a todos, o ânimo para se dedicarem a essa missão. Mas o ânimo desperta-se e fortalece-se com a educação. Daí a velha e respeitada opinião que na formação do Homem devem andar a par e de mãos dadas a instrução e a educação. Louvo-me no expresso, tendo, aliás, tido a ocasião de expender a mesma ideia num editorial da revista «Electricidade», no ano de 1964, do qual se transcreve certo parágrafo concludente e com o qual termino estes escritos: «*Si vis pacem... prepara a guerra, diz-te o rifão. Os homens esclarecidos assim pensam. Mas a guerra que recomendam não é a que é — calamidade, conjunto de todas as calamidades, tempestade que leva os campos e vilas, monstro que se sustenta de fazendas — mas a contrária, a que levará aos campos e vilas os bens acima de todos mais valiosos para ti, a educação e a instrução.*»

COMPLETE A SUA COLECÇÃO

DA

Electricidade

energia - electrónica

pelos módicos preços:

do n.º 1 ao n.º 122	20\$00
do n.º 123 ao n.º 132	25\$00
do n.º 133 ao n.º 134	40\$00
do n.º 135 ao n.º 141	60\$00
a partir do n.º 142	80\$00

Números esgotados: 2/3/5/6/7/9/10/12/13/15/16/17/18/23/26
49/50/63/64/67/90/112/130/131/160.

Envie cheque ou vale postal à EDEL
Rua Dona Estefânia, 48-3.º, Esq. — 1000 LISBOA